

Botânicas Texturas



© ERAS

Título: BOTÂNICAS TEXTURAS

Autor: Levi Leonido

Editor: MUNDIS

Revista: European Review of Artistic Studies

Coordenação: Levi Leonido

Organizadores: Levi Leonido, Elsa Morgado, Bartolomeu Rodrigues, Mila Simões de Abreu

Edição, Design e Execução Gráfica: Levi Leonido

Capa e Contracapa: Levi Leonido e Lara Sofia Morgado Silva

Data da edição: 2024 (edição aumentada)

ISSN (online) 1647-3558 **ISSN (Impresso)** 2184-2116

ISBN: 978-989-35320-5-8.

Classificação THEMA - Nível 1: A – Artes. **Classificação THEMA – Nível 2:** AB – Artes:
questões gerais

Nota: versão online (acrescentada) em *open access*.

Projeto “BOTÂNICAS TEXTURAS”	3
Quadro conceptual do projeto	5
Arte, ambiente, saúde e inclusão	5
A experiência artística multissensorial na escola: arte além do olhar	6
A inspiração do projeto em si mesmo	7
Coser à mão!	10
Bordar para escrever e / ou pintar na tela que não é tela!	11
Desenhar com giz (de alfaiate) como quem faz fatos à medida!	12
E quando o relevo não chega!?	13
E quando todos os sentidos interdependem	14
Nada sucede por mero acaso...	15
O que realmente aconteceu...	16
Principais bases e estrutura conceptual	17
Imagens projetadas na tela	18
Registo e Evidências do Projeto	19
Visita ao Centro Interpretativo do Jardim Botânico	22
Visita de Estudo ao campus da UTAD	24
Lanche junto ao Espelho de Água e à escultura de A. O'Neil	27
Exposição Móvel / Itinerante (Coletivo)	30
Exemplos: individuais	32
Exemplos do Verso e Reverso da “Tela”	34
Cartaz do evento na UTAD integrado no VI FITAP	35
Principais Testemunhos (os mais completos e significativos)	36
Análise e Discussão de Resultados	38
Conclusões e Perspetivas Futuras	39
Referências Bibliográficas	45
Extrato de Livro TORGA MUNDIS	52

1. PROJETO “BOTÂNICAS TEXTURAS”

1.1. Equipa e coordenação

Coordenação: Levi Leonido. Equipa: Professores (Helena Tavares, Ana Martins Semblano, Alexandra Martins) e Funcionários da Escola EB1 de Torneiros/Douro (Rosa Marta, Carlos Nunes, Andreia Castanheira, Teresa Martins e Libânia Morais). UTAD e IPB: Levi Leonido, Elsa Morgado, João Bartolomeu, Mila Simões e António Luís Crespi. Equipa de apoio técnico e audiovisual MUNDIS: Bruno Brito e Carminda Carvalho. SAV – UTAD: Rogério Paulo.

1.2. Sinopse do projeto

A partir de pedaços de pano cru, produziram-se 'telas' adaptadas ao corpo de cada discente, de forma a poderem ser porta-quadros/estantes de pintura e, acima de tudo, onde foram desenhadas e bordadas as plantas aromáticas medicinais (que estavam a ser lecionada naquele momento na Escola parceira) escolhidas e os respetivos nomes vulgares e técnicos, em alto relevo. A estas, acrescentaram-se aromas associados a cada um dos exemplares. Assim, um indivíduo (no caso invisual) poderia, através de outros sentidos já por si mais desenvolvidos (tato ou olfato), descobrir qual a planta 'pintada' (as linhas e pinceladas foram substituídas pelos panos reutilizados e linhas de coser) que cada discente escolheu para a sua “tela” móvel/itinerante. A ideia é que os discentes façam uma exposição móvel/itinerante pelos espaços da UTAD ou por outros da cidade com estes exemplares.

1.3. Objetivos e etapas do projeto

Promover a prática artística, neste caso as manualidades, com o intuito de valorizar o saber técnico sobre a botânica (plantas aromáticas e medicinais), no quadro e âmbito da inclusão e integração de pessoas e saberes. A ideia surgiu a partir de um dos estudantes da UTAD, que desejava que ele e outras crianças e adultos com as mesmas limitações vivenciassem este tipo de projetos e os resultados obtidos. As etapas do projeto foram essencialmente as seguintes: 1. Escolha da temática dominante ao programa que estava a ser desenvolvido nesta fase na escola do 1.º ciclo do ensino básico (tema); 2. Estudo e escolha de plantas aromáticas e medicinais existentes no campus e na região; 3. Preparação dos materiais e a conceção/ideia do projeto em termos operacionais; 4. Aulas em regime de atelier partilhado entre docentes da UTAD, docentes da escola, e os estudantes do ano escolhido para o projeto; 5. Distribuição de estudantes em regime tutelar (para que os alunos da UTAD tivessem a responsabilidade por determinados trabalhos e apoiassem e coordenassem a atividade); 6. Recolha das medidas (altura e largura das telas mediante as medidas dos alunos para fazerem as “telas”); 7. Corte e feitura

dos esboços das telas e das plantas; 8. Colagem, bordados e aromatização das “telas”; 8. Visita de estudo à UTAD para apresentação pública do projeto e realização da Exposição Itinerante com os quadros e “telas” e “pinturas” realizadas pelos grupos de trabalho no domínio da Didática Expressiva Proximal. O projeto tinha como destinatários a comunidade escolar de Torneiros, em particular aos estudantes, funcionários e docentes, num universo de 20 indivíduos afetos ao 1.º Ciclo do Ensino Básico (EB) nesta escola que abraçava, de entre outros (de iniciativa local, regional ou nacional), o projeto *Uma Escola de Sonhos e de Afetos.*, nomeadamente o projeto “Academias Gulbenkian Conhecimento - Metodologias Experimentais” (Coord. A. Luís Crespi). O projeto BT teve a duração de um semestre e foi dividido em 9 fases / etapas.

1.4. Planificação e estrutura conceptual

Parte das aulas da Unidade Curricular de Projeto Artístico de Intervenção Educacional decorreram na Escola de Torneiros. As aulas preparatórias (gestão, avaliação e organização geral e específica: total de 4) aconteceram em contexto de sala de aula na UTAD. As restantes foram distribuídas pela ida e permanência por um determinado período semanal na Escola (10) e, por fim, na organização e feitura da visita de estudos ao campus da UTAD (1). Esta visita compreendia a seguinte matriz: 1. Receção no Centro de Interpretação do Jardim Botânico da UTAD; 2. Visita ao Herbário da UTAD e à exposição de Borboletas patente nos espaços contíguos; 3. Visita guiada ao campus pelo seu responsável (António Luís Crespi) onde puderam contactar com as principais espécies de flora do JARDIM Botânico da UTAD; 4. Visita ao espaço onde pastoreiam cavalos e outros animais; 5. Exposição pública dos trabalhos realizados em regime tutelar partilhado pelos alunos da Escola de Torneiros e pelos estudantes da UTAD (Licenciatura em Educação Básica); Sessão fotográfica da exposição (“tela humanas” com espécies bordadas em alto relevo) para memória futura.

1.5. Apoios e parcerias institucionais

Agrupamento de Escolas Morgado Mateus | Marina Rocha; Câmara Municipal de Vila Real | Rui Santos e Alexandre Favaio; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | António Fontainhas Fernandes; Junta de Freguesia de Arroios | Ivo Moreira; Escola EB1 /JI de Torneiros | Corpo e docente, discente e não docente; MUNDIS Associação Cívica de Formação e Cultura | Direção e Coord. Plano de Formação.

Agradecimento ao Agrupamento de Escolas Morgado Mateus por ter acolhido e apoiado três projetos por nós desenvolvidos nesta Escola *especial* (antes e durante o período pandémico): 1. Alfabetização Musical de Inspiração Kodaliana; 2. Botânicas Texturas; 3. BAOPA – Dança Integrativa.

Agradecimento e homenagem especial ao Filipe Pinto pela sua luta e perseverança deveras inspiradora.

2. QUANDO CONCEPTUAL DO PROJETO

2.1. *Arte, ambiente, saúde e inclusão*

A relação entre arte, ambiente, saúde e inclusão tem vindo a ganhar crescente relevância no contexto contemporâneo, refletindo uma tendência para abordagens mais holísticas no desenvolvimento humano e social. A arte, para além de um espaço expressivo e criativo, configura-se também como um poderoso vetor de transformação social, com impactos comprovados na saúde mental, na educação inclusiva e na consciência ambiental (Belfiore & Bennett, 2008).

No domínio da saúde, várias investigações apontam para os benefícios psicofisiológicos da arte. Atividades artísticas como a música, o teatro ou as artes plásticas contribuem para a regulação emocional, a diminuição do stress e a melhoria da qualidade de vida, particularmente em contextos clínicos ou comunitários (Stuckey & Nobel, 2010). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) reconhece que práticas artísticas contribuem para a promoção da saúde em todas as fases da vida, destacando intervenções artísticas em hospitais, centros de reabilitação e espaços públicos.

Do ponto de vista ambiental, a arte pode ser um agente de sensibilização e engajamento. A arte ecológica (eco-art) mobiliza práticas criativas para refletir sobre os impactos humanos nos ecossistemas, promovendo uma ética de cuidado e responsabilidade ambiental. Artistas como Agnes Denes ou Olafur Eliasson exploram as tensões entre natureza e sociedade, despertando consciências para questões como as alterações climáticas, a escassez de recursos e o colapso da biodiversidade (Gabrys, 2011).

No campo da inclusão, a arte revela-se fundamental como ferramenta de acessibilidade simbólica e participativa. Práticas artísticas participativas e colaborativas permitem a expressão de grupos marginalizados — pessoas com deficiência, minorias étnicas, comunidades periféricas — criando espaços de visibilidade e agência (Bishop, 2012). A inclusão cultural, neste sentido, não é apenas o acesso à fruição artística, mas sobretudo a possibilidade de criação e protagonismo nas narrativas estéticas e sociais.

Importa sublinhar que estas dimensões não atuam isoladamente, mas interagem de forma sinérgica. Um projeto artístico que envolva uma comunidade local na recuperação de um espaço natural pode simultaneamente promover o bem-estar psicológico, reforçar laços sociais e estimular práticas de cidadania ambiental. Esta abordagem interdisciplinar é alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas, que preconizam uma integração entre saúde, bem-estar, educação de qualidade, igualdade e ação climática (UNESCO, 2021).

Assim, a articulação entre arte, ambiente, saúde e inclusão não é apenas desejável, mas necessária para o desenho de políticas públicas culturais mais justas, sustentáveis e humanas. A arte não deve ser vista como um luxo ou um mero entretenimento, mas como um direito fundamental e uma estratégia transversal para a construção de sociedades mais resilientes e equitativas.

2.2. A experiência artística multissensorial na escola: arte além do olhar

O ensino da arte nas escolas ainda é frequentemente orientado por uma lógica visual-centrada, onde o primado da imagem — nas suas expressões bidimensionais ou digitais — molda tanto os conteúdos como os modos de fruição. No entanto, esta abordagem exclui, muitas vezes, experiências sensoriais mais amplas e, sobretudo, compromete o acesso pleno de alunos com deficiência visual a uma educação artística significativa. Repensar o fazer artístico em contextos escolares implica, por isso, uma abertura epistemológica e pedagógica à dimensão multissensorial da arte (Candau, 2016).

A arte, enquanto experiência sensível, não se restringe ao olhar. O olfato, o paladar, o tato e a propriocepção são sentidos que podem e devem ser explorados em práticas artísticas inclusivas. Oficinas sensoriais com materiais naturais (argila, tecidos, sementes, folhas aromáticas), experiências gustativas (degustações guiadas, associadas à memória afetiva) ou criações táteis (escultura, assemblage, bordado, instalação corpórea) permitem aos alunos invisuais aceder ao universo artístico de forma plena, em ressonância com os seus modos próprios de perceber o mundo (O'Donoghue, 2009; Classen, 2012).

Mais do que uma adaptação técnica, trata-se de uma viragem ontológica: a arte como corpo, como cheiro, como gesto, como presença. Projetos que valorizam o toque, o som e o movimento — como oficinas de escultura em barro, percursos sensoriais, composições com aromas e texturas — promovem uma experiência estética encarnada e afetiva, que beneficia todos os alunos, independentemente da sua condição visual. Para além disso, tais práticas reforçam a empatia, a cooperação e o reconhecimento da diversidade sensorial como uma riqueza pedagógica (Silva & Amaral, 2020).

A inclusão, neste contexto, não é um mero ajustamento metodológico, mas um princípio criativo e ético. As escolas que integram abordagens artísticas multissensoriais não apenas favorecem o desenvolvimento de competências expressivas em alunos com deficiência visual, mas também desconstruem a hegemonia do olhar enquanto forma privilegiada de conhecimento, dando lugar a outras corporeidades e sensibilidades (Marks, 2002).

Promover uma pedagogia da arte sensorial é também um gesto político: é afirmar que todos os corpos são capazes de criar, sentir e transformar, e que a escola pode ser um lugar onde a experiência estética é partilhada, plural e verdadeiramente inclusiva.

2.3. A inspiração do projeto em si mesmo

Este projeto nasceu para homenagear um ilustre estudante que, mesmo com as condicionantes decorrentes da ausência de visão, nunca descurou da sua vida profissional nem do seu sonho de vir a ser professor. Filipe Pinto (José Filipe Ramalheda Pinto) foi, sem dúvida, o motor e a inspiração maior do projeto.

Quisemos, por meio desta iniciativa, abraçar uma realidade que era por um lado nova para todos e por outro profundamente desafiante, uma realidade que exigia repensar os limites da compreensão e da integração dentro de um percurso e perfil funcional que a universidade nem sempre está preparada para acolher, sobretudo quando se trata de estudantes futuros professores com um perfil claramente diverso e diferente daquele que a estrutura académica ainda tende a considerar como normativo.

Tudo foi e continua a ser um enorme desafio para todos: para o Filipe, para o seu pai, para os colegas, para os funcionários e para os professores.

Neste percurso extraordinário, soubemos que o Filipe gostava de tocar piano ou teclado, que era a base da sua aprendizagem autodidata. E foi assim que, em plena pandemia, proporcionámos uma visita à Aula Magna da UTAD para que o Filipe pudesse tocar e sentir um dos maiores e mais emblemáticos instrumentos do mundo, o Bösendorfer Concert Grand 290 Imperial.

A (maior) MOTIVAÇÃO MAIOR ...



Com uma motivação única, como poucos têm, o Filipe circundou o piano, aproximou-se e tocou. Tocou com alma e emoção essa peça imensa¹, não só no tamanho e na imponência do piano, mas sobretudo na beleza que o instrumento encerra em todo o seu esplendor físico, espiritual, harmónico e envolvente. Um verdadeiro colosso. De repente, nos bastidores do auditório da UTAD, as atenções focaram-se apenas nele. Estávamos ali, em silêncio, a observar e a escutar, absolutamente deslumbrados com a paixão e o encantamento que o Filipe irradiava. Foi um momento sublime de superação, de alegria, de realização. Um sonho tornado realidade. Um “concerto” íntimo, magistral, dado a uma sala vazia de público por imposição das medidas sanitário-pandémicas da época, mas completamente carregada de símbolos, de sentido e de emoção. Filipe tocou duas peças (portuguesas) e até testou a pose, para que pudesse ser filmado e gravado. Grande Filipe. Enorme. Gigante. Um momento verdadeiramente inolvidável.



¹ O piano imperial Bösendorfer é um dos instrumentos mais prestigiados e imponentes do mundo da música. Criado pela fabricante austríaca Bösendorfer, conhecida pela excelência artesanal desde 1828, este modelo é uma verdadeira joia da engenharia musical. Principais características do Bösendorfer Imperial: 1. Nome completo: Bösendorfer Concert Grand 290 Imperial; 2. Comprimento: 2,90 metros (por isso "Imperial"); 3. Número de teclas: 97 teclas, em vez das 88 habituais — ou seja, 8 oitavas completas; 4. As notas adicionais (de D_b0 a C1) foram inicialmente encomendadas por Ferruccio Busoni, para tocar transcrições de Bach; 5. Som: Extremamente rico, encorpado e com profundidade notável nos graves; 6. Timbre: Quente, aveludado e poderoso, com uma sonoridade mais “orquestral” do que a maioria dos pianos de concerto; 7. Estrutura: Feita com madeiras nobres e montagem artesanal, cada instrumento leva até 1 ano a ser construído. Utilização e prestígio: 1. É utilizado por pianistas consagrados como András Schiff, Paul Badura-Skoda, Tori Amos, Oscar Peterson e Chick Corea; 2. Comum em salas de concerto e conservatórios de excelência; 3. O Imperial é muitas vezes visto como um símbolo de perfeição técnica e expressiva na música pianística. Curiosidades: 1. O seu som grave é tão profundo que é quase sentido no corpo, além de ouvido; 2. Muitos compositores e intérpretes descrevem tocar no Imperial como uma experiência espiritual ou sinfónica; 3. A Yamaha é atualmente proprietária da Bösendorfer, mas mantém o processo de construção tradicional na Áustria.

Ao mesmo tempo, quisemos homenagear músicos e compositores cujas carreiras não sucumbiram pelo facto de serem invisuais. São uma fonte inesgotável de inspiração a todos os níveis de criação e aprendizagem artística. Destacamos, de entre muitos, os seguintes: 1. Antonio de Cabezón; 2. John Stanley; 3. Maria Theresia von Paradis; 4. Nicholas Saunderson; 5. Louis Vierne; 6. Ray Charles; 7. Stevie Wonder; 8. Blind Lemon Jefferson; 9- Blind Willie Johnson; 10. Blind Blake; 11. George Shearing; 12. José Feliciano; 13. Andrea Bocelli; 14. Ronnie Milsap; 15. Doc Watson; 16. Marcus Roberts; 17. Raul Midón; 18. Nobuyuki Tsujii; 19. Diane Schuur; 20. Ray Charles.

Por fim, o nosso compositor preferido: Joaquín Rodrigo². A música e as histórias que impulsionaram este projeto e o envolveram neste âmbito e com este propósito estão fortemente presentes no Concerto de Aranjuez³, de Joaquín Rodrigo (Link para audição: https://www.youtube.com/watch?v=-oxH-7VklBI&ab_channel=DRKoncerthuset). Recomenda-se vivamente assistir e ouvir esta magnífica composição — um verdadeiro marco da música do século XX — e apreciar o seu encanto, o modo, a forma e a fluência técnica impressionantes. A obra foi escrita em máquina de braille, revelando não apenas o talento extraordinário de Rodrigo, mas também a sua resiliência e sensibilidade artística incomparáveis.

² Compositor espanhol nascido em Sagunto, em 22 de novembro de 1901. Ficou cego aos 3 anos devido a uma epidemia de difteria, mas isso não o impediu de seguir uma carreira brilhante na música. Começou os estudos de piano e solfejo ainda criança e, aos 20 anos, mudou-se para Paris, onde estudou com Paul Dukas na École Normale de Musique. Rodrigo destacou-se principalmente como compositor para instrumentos solistas, especialmente para guitarra clássica, embora ele mesmo não tocasse o instrumento. Seu estilo mescla elementos do folclore espanhol com a harmonia e forma da música clássica europeia, mantendo sempre uma linguagem melódica acessível e muito expressiva. Sua obra mais célebre é o *Concerto de Aranjuez* (1939), para guitarra e orquestra, que o tornou conhecido mundialmente. Outras composições importantes incluem o *Fantasia para un gentilhombre* (1954) e o *Concerto Andaluz* (1967). Apesar da cegueira, Rodrigo escrevia suas partituras em braille, que depois eram transcritas por copistas. Ao longo da vida, recebeu diversos prêmios, incluindo o título de Marquês de los Jardines de Aranjuez, concedido pelo Rei da Espanha em 1991. Faleceu em Madrid, em 6 de julho de 1999, aos 97 anos, deixando um legado de obras marcadas pela elegância, identidade espanhola e lirismo único.

³ O Concerto de Aranjuez, composto por Joaquín Rodrigo em 1939, é uma das obras mais icônicas do repertório para guitarra clássica e orquestra. Dividido em três movimentos — Allegro con spirito, Adagio e Allegro gentile — combina a linguagem da música clássica com fortes influências do flamenco e da tradição espanhola, especialmente da região de Aragão. Rodrigo, cego desde os três anos, compôs a obra em braille, demonstrando grande sensibilidade e domínio técnico. A orquestração é cuidadosamente equilibrada para destacar a guitarra, que dialoga com pequenos grupos orquestrais em vez de competir com toda a massa sonora. O primeiro movimento apresenta ritmos vivos e cadências dançantes; o segundo, Adagio, é o mais célebre, com uma melodia emotiva no corne inglês que a guitarra desenvolve com grande expressividade. O terceiro movimento retoma um caráter leve e saltitante, encerrando a obra com brilho. Combinando escalas modais, harmonia tonal e um tratamento melódico rico, o Concerto de Aranjuez tornou-se um símbolo da identidade musical espanhola e um marco da música do século XX.

2.4. Coser à mão!

Principais Dicas e Técnicas básicas de costura à mão: 1. Ponto corrido (ponto simples). Uso: unir tecidos de forma simples. Como fazer: insira a agulha de cima para baixo e depois de baixo para cima, mantendo a distância entre os pontos constante (3–5 mm). Dica: ideal para alinhar e costuras temporárias; 2. Ponto atrás (ponto de retrocesso). Uso: costuras mais resistentes. Como fazer: insira a agulha um ponto à frente, depois volte e entre no final do ponto anterior. Repita. Dica: simula uma costura de máquina, muito firme; 3. Ponto caseado. Uso: borda de tecido, feltro ou aplicação. Como fazer: introduza a agulha e, antes de puxar o fio, passe a agulha pelo laço do fio. Cria uma borda enrolada. Dica: ótimo para evitar que tecidos desfiem; 4. Pesponto. Uso: decoração ou reforço. Como fazer: similar ao ponto atrás, mas com mais espaço entre os pontos visíveis do lado de fora. Dica: usado em jeans e acabamentos visuais; 5. Franzido. Uso: criar dobras ou volume. Como fazer: faça um ponto corrido com espaçamento regular e puxe o fio para franzir o tecido. Dica: muito usado em saias, punhos e detalhes de figurino; 6. Ponto invisível. Uso: bainhas e acabamentos “escondidos”. Como fazer: pegando só uma ou duas fibras do tecido externo, escondendo o ponto principal no avesso. Dica: ideal para acabamentos finos e discretos.

Materiais necessários: 1. Agulha de mão (tamanho médio para iniciantes). No caso usamos também agulhas plásticas; 2. Linhas de algodão ou poliéster; 3. Tesoura de tecido; 4. Alfinetes; 5. Dedal (opcional). No caso, absolutamente necessário; 6. Tecidos leves para começar (tricoline, algodão).

Nota importante: no caso em questão, usou-se quer máquina de costura (essencialmente em casa, com acompanhamento dos pais e encarregados de educação), quer agulhas pequenas metálicas ou, em alternativa e com grande efeito, agulhas de materiais com componentes ou derivados de plástico.

A ideia: era simplesmente construir, com pedaços de panos velhos e não usados, a estrutura e morfologia da planta medicinal em causa. O trabalho era feito em alto relevo, com ondulações (quando necessário), para que os visitantes da exposição móvel pudessem, ao assistirem, tocar nas peças (com o devido uso de vendas) e perceber que planta medicinal estava a ser representada. Por um lado, estimulava-se a criatividade e a competência manual, aspetos relevantes neste tipo de projeto. Por outro lado, reutilizavam-se materiais e objetos antigos como panos, fios, cintos, botões e outros elementos que criavam o efeito desejado, tanto em termos visuais como ao nível da palpação ou contacto tátil.

A inovação: residia no facto de que, em vez de se usar pincéis e tintas tradicionais para pintar ou colorir telas, as crianças costuravam e bordavam à mão, usando pedaços de tecido retangulares (imitar tela), feitos à medida de cada criança por alunos estagiários da universidade. Esses retângulos serviam como base para a sua expressão artística, substituindo a tela tradicional por uma abordagem mais inclusiva, sensorial e sustentável.

2.5. Bordar para escrever e / ou pintar na tela que não é tela!

Principais técnicas de bordado: 1. Ponto corrido (ou ponto de alinhavo): Técnica básica, ideal para iniciantes. Usado para contornos simples ou costuras decorativas; 2. Ponto atrás. Forma linhas contínuas e definidas. Muito usado para traçar contornos e letras; 3. Ponto cheio. Preenche áreas sólidas com linha. Ideal para folhas, pétalas e formas compactas; 4. Ponto cadeia. Formato de corrente. Usado para decorar ou marcar linhas com efeito visual delicado; 5. Ponto haste. Fica com aparência torcida. Excelente para caules, linhas curvas e contornos com movimento; 6. Ponto nó francês. Pequenos nós decorativos. Usado para detalhes como olhos, sementes, centros de flores; 7. Ponto margarida. Parecido com pétalas soltas. Muito usado para flores e efeitos leves; 8. Ponto cruz. Padrões feitos com "X". Técnica tradicional para quadros e alfabetos; 9. Ponto matiz. Também chamado de "pintura com linha". Mistura tons diferentes para dar profundidade e sombreamento, como uma pintura realista; 10. Ponto caseado. Fixa bordas e tecidos. Usado em aplicações ou para acabamento de feltro e panos.

Dicas para projetos educativos: 1. Use ponto atrás, corrente e cheio para projetos com crianças (são simples e seguros); 2. Marcar o tecido com giz de alfaiate ajuda a guiar o desenho; 3. Bordar em tela grossa ou juta facilita para iniciantes; 4. Incentive o uso de materiais reciclados: linhas reaproveitadas, tecidos antigos, agulhas plásticas ou sem ponta.

Nota importante: era fundamental registrar tanto o nome vulgar como o nome técnico da planta aromática representada. Como não queríamos usar tintas nem pincéis e pretendíamos explorar a ideia de pintar sem tinta, utilizámos a técnica do bordado simples, a partir de um desenho feito previamente com giz sobre a "tela". Esse contorno servia de base para orientar o trabalho manual.

A ideia: era que o bordado, feito com fios mais grossos e em alto relevo, permitisse que quem visitasse a exposição, numa primeira fase com os olhos vendados, pudesse reconhecer ou adivinhar que planta estava representada na "tela" apenas pelo tato. Foram utilizados fios reaproveitados de camisolas de lã antigas e pedaços de tecido não usados, trazidos pelas famílias dos estudantes envolvidos no projeto.

A inovação: criar uma forma de expressão sensorial, com efeito tátil e explorável pelos visitantes. Numa segunda fase, já sem vendas, cada participante podia confirmar, aprender e memorizar não apenas o nome comum, mas também o nome técnico de cada planta em exposição.

O projeto combinou reutilização de materiais, criatividade manual e aprendizagem científica, promovendo uma experiência educativa, sensorial e inclusiva.

2.6. *Desenhar com giz (de alfaiate) como quem faz fatos à medida!*

Como usar o giz para traçar fatos à medida: 1. Posicionar o molde. Coloque o molde de papel (base do corpo, frente, costas, mangas...) sobre o tecido dobrado; 2. Risque em volta com giz. Use traços firmes e visíveis, mas sem pressionar demais para não distorcer o tecido; 3. Marque linhas de costura (1 cm a 1,5 cm da linha principal), piques, e referências de montagem; 4. Identifique cada parte. Use siglas (ex: "CF" para centro frente) e setas para o sentido do fio do tecido; 5. Apagar e corrigir. O giz sai facilmente com escova de tecido, pano húmido ou ferro (verifique antes num retalho!). Aplicações pedagógicas: 1. Projetos de inclusão: o traço do giz pode ser identificado por toque leve ou por relevo tátil, se sobreposto com linhas costuradas ou fitas; 2. Com alunos cegos ou com baixa visão: usar giz grosso + relevo com linha grossa ou fita adesiva para reforçar marcações; 3. Pode ser usado em oficinas de teatro, moda, figurino, design têxtil ou projetos interdisciplinares.

Nota importante: para que o trabalho fosse feito com rigor, como é possível ver nas imagens abaixo, utilizámos o projetor multimédia para projetar sobre as "telas" (que eram pedaços de pano, quadrados ou retangulares) as imagens das plantas medicinais. Desta forma, os contornos e indicações especiais no tecido ficavam devidamente marcados, cumprindo com precisão os objetivos pretendidos.

A ideia: ao projetar e marcar com giz, essa marcação servisse posteriormente como linha orientadora para a colagem ou para a costura à mão (ou à máquina, nos casos realizados em casa), utilizando os pedaços de pano que serviriam como base visual e prática para a identificação da planta medicinal em causa.

A inovação: consistiu na adaptação de uma técnica tradicionalmente usada por alfaiates para a confeção de fatos por medida. Essa técnica passou a servir como referência para marcar os traços, as linhas e os nomes que depois seriam bordados com cuidado e intenção educativa.

2.7. *E quando o relevo não chega!?*

Como os aromas podem ser usados para identificar objetos ou conceitos: 1. Associação direta entre cheiro e objeto. O aroma é associado a algo concreto e conhecido: por exemplo, cheiro de hortelã → planta hortelã, ou cheiro de limão → fruta limão; 2. Memória olfativa como recurso pedagógico. O olfato é um dos sentidos mais ligados à memória. Para pessoas cegas ou com baixa visão, cheiros ativam recordações e permitem identificação rápida e intuitiva; 3.

Tradução sensorial: quando não se pode ver, o aroma "substitui" a imagem. O cheiro comunica identidade, função e contexto de algo; 4. Interatividade e aprendizagem inclusiva. Ao tocar e cheirar simultaneamente, a pessoa tem dois pontos de ancoragem para aprender ou relembrar o que está diante dela.

Nota importante: o objetivo era dar a conhecer não apenas as plantas aromáticas, mas também os seus benefícios para a saúde, o bem-estar e o conhecimento tradicional sobre estas matérias, complementado pelo saber científico e pela respetiva nomenclatura e designações variadas associadas a esta temática.

A ideia: para além do uso do relevo, acrescentar algo que, em síntese, permitisse ao visitante ou participante da exposição a possibilidade de identificar a planta aromática que tinha à sua frente. Mesmo com os olhos vendados, se não conseguisse fazê-lo pelo tato ou outro sentido, poderia identificá-la através do olfato.

A inovação: consistiu em criar uma espécie de percurso pelos sentidos, numa viagem sensorial e etnográfica ao universo da sabedoria popular, enriquecido pelo conhecimento científico. Todos os sentidos foram envolvidos, direta ou indiretamente, nesta caminhada de descoberta. Inclusive o paladar, pois no final, e de forma reservada, havia uma prova de chás com essa finalidade.

Os aromas desempenhavam um papel essencial. O cheiro de cada planta ajudava a criar uma ligação afetiva e sensorial com o espaço e o conhecimento que ele transmitia. Tudo fazia sentido, quando conjugado no plano da experiência sensorial.

2.8. E quando todos os sentidos interdependem e uns – mais do que outros – complementam a situação vivida / vivenciada!?

Compensação sensorial é automática: geralmente quando uma pessoa nasce cega ou perde a visão muito jovem, o cérebro adapta-se naturalmente, reorganizando funções sensoriais para que os sentidos restantes (como o tato, a audição e o olfato) compensem a ausência da visão. Estudos de neuroplasticidade mostram que o córtex visual pode ser "reutilizado" por outros sentidos, incluindo o olfato, em pessoas cegas.

Em contextos práticos – como arte, culinária ou natureza: mesmo em pessoas que enxergam, quando são vendadas (por exemplo, em oficinas de inclusão ou arte sensorial), o cérebro começa rapidamente a valorizar outros sentidos, especialmente o olfato e o tato. Isso pode ocorrer em minutos ou horas, dependendo da intensidade da experiência. O cheiro: 1. Ajuda a identificar materiais (ex: lã, madeira, especiarias); 2. Cria memórias sensoriais fortes; 3. Estimula associação emocional, substituindo a percepção visual.

Em projetos artísticos ou educativos. No contexto de projetos inclusivos com invisuais, o olfato começa a complementar (ou parcialmente substituir) a visão quando: 1. O ambiente é preparado com cheiros distintos (ervas, tintas, tecidos, alimentos); 2. Os participantes são encorajados a usar o nariz como ferramenta de leitura do mundo; 3. A atenção é redirecionada para a experiência sensorial como um todo.

Substituição sensorial: o fenômeno pelo qual o olfato ou o tato compensam a falta de visão é chamado de substituição sensorial. Ferramentas como “bengalas sonoras” ou “mapas táteis” fazem parte desse conceito, assim como obras de arte tátil e olfativa.

Nota importante: ao gesto do projeto educativo e científico juntaram-se os propósitos pedagógicos e didáticos de relevo que, além de tudo, asseguraram momentos de extensão universitária relevantes e de partilha comum de saberes de aplicação prática. Também estes foram extremamente importantes e significativos para o modelo de escola e para a formação de futuros professores ou animadores sociais que, direta ou indiretamente, participaram no projeto.

A ideia: criar uma sequência de independência sensorial que funcionasse como complemento e reforço de um ou outro sentido que, de forma imposta (por exemplo, por exercício ou por condição de saúde), estivesse suprimido parcial ou totalmente.

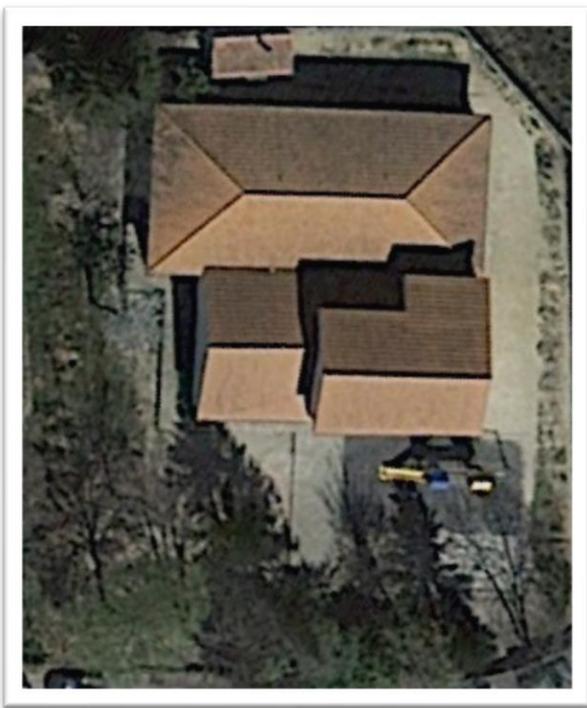
A inovação: juntar todos os sentidos numa viagem sensorial através do universo floral da região, enraizado na memória e na história dos usos e costumes da zona envolvente à escola. E, sobretudo, nas vivências dos pais e avós das crianças participantes.

Conclusão parcial: O retângulo que recebeu cores, texturas e imagens serviu como uma “tela” de um pintor que, mesmo sem usar tintas e pincéis, utilizou linhas, agulhas, trapos e fios para se expressar. Um desafio que pressupôs um risco verdadeiramente importante para quem se forma na área da pedagogia e da educação. O risco é, em si, uma ferramenta de elevado valor em pedagogia. A pedagogia do risco poderia, sem dúvida, ser aplicada a este projeto. O risco de saber, de cruzar abordagens e, acima de tudo, de juntar participantes de gerações diferentes, com formações também diversas, mas que, em conjunto, uniram esforços para concretizar algo que surgiu como oportunidade e se transformou num resultado rico, desafiante e saboroso de viver. A sala de aula, dentro ou fora da escola, terá de saber reinventar-se. E, acima de tudo, terá de arriscar saberes, experiências e encontros de conhecimento. Será preciso investir em práticas laboratoriais de aplicação concreta, que desafiem o óbvio, que desmereçam o certo e estabelecido, e que se atrevam a entrar no universo da criação, da criatividade e da liberdade de pensar, de fazer e de ser no ato educativo.

O ato educativo é, em muitos aspetos, como um ato médico. Exige conhecimento, diagnóstico, cuidado e, sempre que necessário, tratamento.

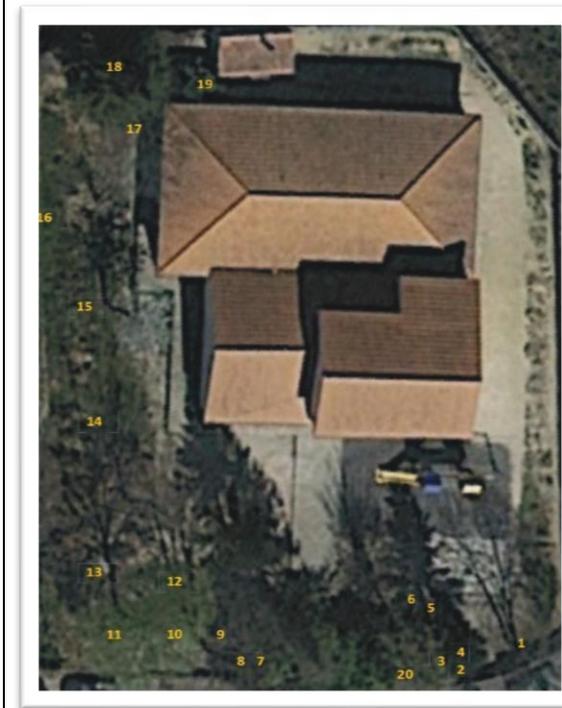
2.9. Nada sucede por mero acaso...

Nesta Escola as árvores (e a preocupação e preservação do património ambiental) já faziam a diferença!



Vista aérea da Escola de Torneiros

O projeto SONHA ESCOLA assume como base uma perspetiva inclusiva de integração dos pais, encarregados de educação, pessoal docente, especialistas e restante comunidade educativa no quotidiano da escola. A sensibilização ambiental e ecológica foi uma das linhas prioritárias de ação deste projeto. O espaço escolar revelou-se não só propício ao cultivo de hortícolas, mas também à preservação e manutenção de um parque florestal escolar de enorme valor educativo e ambiental. Uma das ideias mais extraordinárias desta segunda fase do projeto e do corpo docente da escola foi a responsabilização de cada criança por uma árvore do parque que circunda o edifício escolar, conforme ilustrado nas imagens. Cada aluno tornou-se o tutor da sua árvore, cuidando da sua saúde e beleza ao longo do ano letivo. Inclusivamente, no desfile de Carnaval desse ano concreto, cada criança desfilou vestida ou inspirada na sua árvore. O objetivo foi não só mostrar as aprendizagens diferenciadas e as abordagens pedagógicas aplicadas, mas também evidenciar o afeto e o cuidado desenvolvidos pelos estudantes para com as suas plantas e árvores. A horta e outras iniciativas ambientais foram muito interessantes. No entanto, esta ação em particular revelou-se verdadeiramente fantástica. Não apenas pelo impacto visual gerado, mas sobretudo pelo envolvimento emocional e pela aprendizagem profunda de cada aluno sobre a árvore que lhe estava confiada. Cada árvore tinha um tutor, um responsável que se preocupava com a sua saúde e com a beleza que emanava no espaço escolar. Este foi um aspeto de enorme valor simbólico e conceptual, representando bem o modelo inovador implementado nesta escola. Uma escola que quis ser diferente e fez diferente.



Indicação aproximada das árvores da Escola

2.10. O que realmente aconteceu...

Com base do estudo “Plantas Aromáticas e Medicinais - Utilizações Locais no Parque Natural do Douro Internacional (PNDI)” da autoria dos investigadores Jorge dos Santos R. Fernandes, Susana Costa Marques e Carla Susana Antunes dos Santos, apresentado no 1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS: Ambiente e Usos do Território, iniciámos a discussão e proposta de trabalho individual (por cada aluno da ET) e tutelado (pelos alunos da UTAD).

Quadro 3.4. *Utilizações locais de plantas aromáticas e medicinais.*

<i>Nome vulgar</i>	<i>Nome científico</i>	<i>Parte recolhida</i>	<i>Utilizações (Medicinais/Aromáticas/Artesanais)</i>
Erva de São Roberto	<i>Geranium robertianum</i>	Caule/folha/flor/ fruto	Dores de estômago/Gastrites/Úlceras
Urtigas	<i>Urtiga dioica</i>	Caule/folha/raiz	Dores de barriga/Estômago/hemorroidas/ Doenças urinárias
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Caule/folha/flor	Constipação/Dores de estômago Tempero de comidas
Freixo	<i>Fraxinus angustifolia</i>	Fruto/caule	Doenças reumáticas/renais Cestaria
Oliveira	<i>Olea europaea</i>	Folha	Tensão arterial/Diabetes
Folho	<i>Foeniculum vulgare</i>	Caule/Folha	Má disposição/figado/Vesícula Doenças urinárias Aguardentes e licores/saladas e sopas
Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Raiz/caule/folha	Dores de barriga/Dores de estômago/Atração de enxames
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	Caule/Folha/Flor	Dores de estômago/Constipações Lavagens de feridas
Erva Prata ou Erva Sanguinária	<i>Paronychia argentea</i>	Raiz/Caule/Folha/Flor	Dores menstruais/Baixa da tensão arterial
Tomilho Branco	<i>Thymus mastichina</i>	Caule/Folha/Flor	Constipação/Diabetes/Colesterol Calmante para dormir Temperar a comida
Alfazema	<i>Lavandola latifolia</i>	Caule/Folha/Flor	Evitar a traça na roupa
Segurelha	<i>Satureja hortense</i>	Caule/Folha	Tempero de comida/"Afugenta os ratos"
Arcádia ou Erva Loba	<i>Tuberaria lignosa</i>	Raiz/Caule/Folha	Desinfecção e cicatrização de feridas

Fonte: Santos, C. S. (2001).

A ideia inicial consistia em que, para além da exposição e da visita ao Jardim Botânico da UTAD, de forma articulada, também se realizasse uma sessão e prova de chás em que pudéssemos aliar o saber popular a este respeito ao saber científico como complemento. Tendo, para esta feita, produtores e especialistas (académicos) que pudessem dialogar, validar e complementar esta dinâmica e relação entre saberes tecnicamente mensuráveis e outros que assentem, eventualmente, em algo cientificamente menos provável ou aferível.

2.10.1. Principais bases e estrutura conceptual

As plantas que estiveram na base da estrutura e conceção das peças que incorporaram e constituíram a exposição móvel (itinerante) foram, mediante os números e a dinâmica da turma, as seguintes:

Nº	Nome científico	Nome comum	Flora digital
1	<i>Acer pseudoplatanus L.</i>	Bordo	https://jb.utad.pt/especie/Acer_pseudoplatanus
2	<i>Cydonia oblonga Mill.</i>	Marmeleiro	https://jb.utad.pt/especie/Cydonia_oblonga
3	<i>Platanus x acerifolia (Aiton) Willd</i>	Plataneiro	https://jb.utad.pt/especie/Platanus_x_acerifolia
4	<i>Picea abies (L.) H. Karst.</i>	Picea-europeia	https://jb.utad.pt/especie/Picea_abies
5	<i>Ilex aquifolium L.</i>	Azevinho	https://jb.utad.pt/especie/Ilex_aquifolium
6	<i>Acer pseudoplatanus L.</i>	Bordo	https://jb.utad.pt/especie/Acer_pseudoplatanus
7	<i>Prunus laurocerasus L.</i>	Louro-cerejo	https://jb.utad.pt/especie/Prunus_laurocerasus
8	<i>Prunus laurocerasus L.</i>	Louro-cerejo	https://jb.utad.pt/especie/Prunus_laurocerasus
9	<i>Liquidambar styraciflua L.</i>	Liquidambar	https://jb.utad.pt/especie/Liquidambar_styraciflua
10	<i>Quercus coccinea Münchh.</i>	Carvalho-americano	https://jb.utad.pt/especie/Quercus_coccinea
11	<i>Quercus coccinea Münchh.</i>	Carvalho-americano	https://jb.utad.pt/especie/Quercus_coccinea
12	<i>Picea abies (L.) H. Karst.</i>	Picea-europeia	https://jb.utad.pt/especie/Picea_abies
13	<i>Acer pseudoplatanus L.</i>	Bordo	https://jb.utad.pt/especie/Acer_pseudoplatanus
14	<i>Quercus coccinea Münchh.</i>	Carvalho-americano	https://jb.utad.pt/especie/Quercus_coccinea
15	<i>Prunus avium L.</i>	Cerejeira-brava	https://jb.utad.pt/especie/Prunus_avium
16	<i>Prunus avium L.</i>	Cerejeira-brava	https://jb.utad.pt/especie/Prunus_avium
17	<i>Quercus coccinea Münchh.</i>	Carvalho-americano	https://jb.utad.pt/especie/Quercus_coccinea
18	<i>Cupressus lusitanica Mill.</i>	Cipreste-do-Buçaco	https://jb.utad.pt/especie/Cupressus_lusitanica
19	<i>Prunus domestica L.</i>	Ameixeira	https://jb.utad.pt/especie/Prunus_domestica
20	<i>Philadelphus coronarius L.</i>	Silindra	https://jb.utad.pt/especie/Philadelphus_coronarius

3. Algumas das imagens sobre as quais trabalhamos que forma projetadas nas telas para futura colagem e para as tarefas restantes de consolidação do objeto



4. REGISTO E EVIDÊNCIAS DO PROJETO

Fotos de trabalho / processo (medição das “telas”, desenho das plantas no pano cru e experimentos vários com materiais reutilizáveis):







5. Visita ao Centro Interpretativo do Jardim Botânico





6. Visita de Estudo ao campus da UTAD







7. Lanche junto ao Espelho de Água e à escultura de A. O'Neil.







8. EXPOSIÇÃO MÓVEL / ITINERANTE (Coletivo)





9. Exemplos: individuais



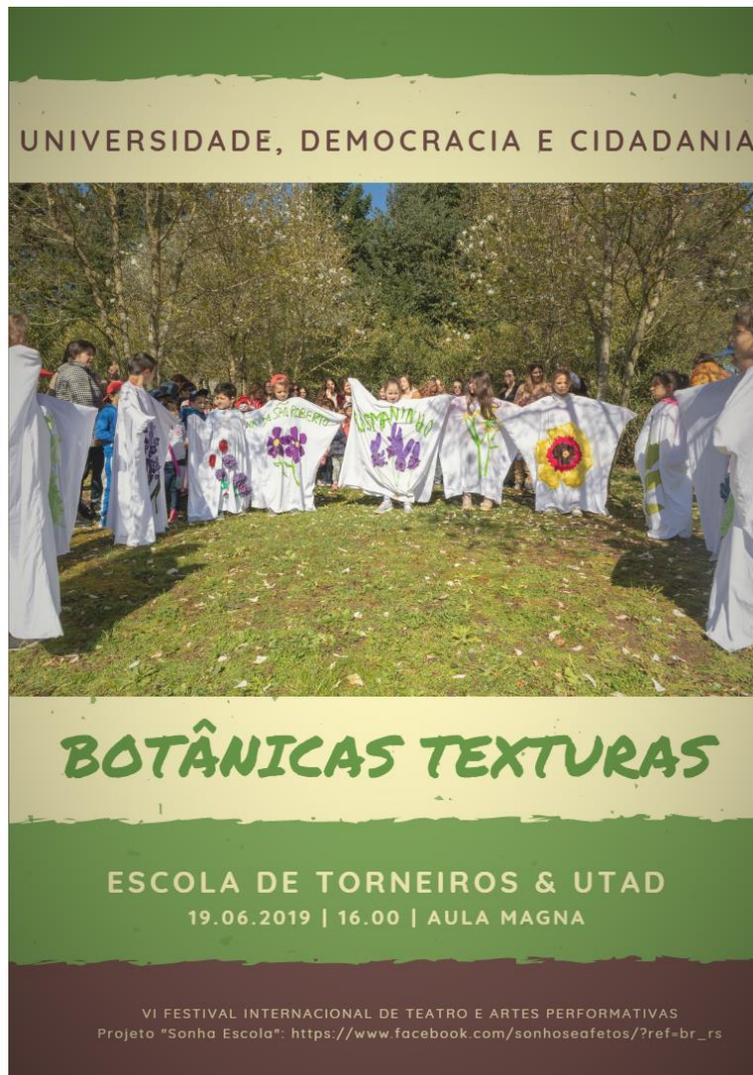


10. Exemplos do Verso e Reverso da “Tela”



11. Cartaz do evento na UTAD integrado no VI FITAP e no âmbito da iniciativa:

“Universidade, democracia e cidadania”



O projeto “Botânicas texturas” decorre de uma +parceria entre a MUNDIS, a UTAD e o Agrupamento de Escolas Morgado Mateus, com implementação da Escola de Torneiros “Escola de Sonhos e Afetos”. A partir da unidade curricular de Projeto Artístico de Intervenção Educativa da Licenciatura em Educação Básica e tendo como base o projeto ecológico-ambiental da escola, desenvolveu-se um projeto de reutilização de materiais com a temática associada às Plantas Aromáticas e Medicinais (PAM) em que as crianças criaram as suas próprias “telas” em que desenharam, coseram e bordaram as suas PAM, cuja apresentação pública aconteceu no Jardim Botânico da UTAD durante uma visita temática relacionada com este projeto. In: TORGA MUNDIS 2019, p. 46.

12. PRINCIPAIS TESTEMUNHOS (os mais completos e significativos)

Testemunho 1: *“A unidade curricular de projeto artístico de intervenção educacional, inserida no plano de estudos da Licenciatura de Educação Básica, teve um impacto muito positivo e essencial no meu percurso escolar, tendo em conta que através deste projeto realizado com os alunos do segundo ano de escolaridade da escola básica de torneiros, foi possível alcançar todos os objetivos e metas estabelecidas. Foi um projeto muito interessante, trabalhamos com os alunos, no decorrer de todo o projeto, escolhemos a planta em conjunto com os alunos depois através do projetor os alunos copiaram a imagem para o pano branco, com um simples traçado por cima do pano, de seguida comecei a trabalhar semanalmente na construção da planta o tomilho, cada grupo tinha uma planta diferente e utilizamos os diferentes materiais como: a tesoura, cola, materiais de costura e pequenos pedaços de tecido de cores diferentes. Estes materiais foram fundamentais na construção do projeto, utilizamos essencialmente os materiais de costura para formar a imagem da planta o tomilho, no pano. Considero que ao longo deste projeto os alunos demonstraram sempre interesse e motivação até se obter a conclusão do trabalho. Após a conclusão do trabalho com os alunos, foi organizado um pequeno desfile no jardim da universidade no dia 21 de março, dia mundial da árvore, todos os elementos da turma do segundo ano da escola básica de torneiros estiveram presentes e vestiram a planta que cada um trabalhou ao longo do projeto. Gostei muito de trabalhar com os alunos e de realizar este projeto com eles, pois foi uma experiência única em que adquiri novos conhecimentos. Sónia Filipa Rodrigues Pinheiro.*

Testemunho 2: *“Este projeto nasceu numa aula da unidade curricular de Projeto Artístico de Intervenção Educacional, onde a turma em união com o docente, decidiu fazer um projeto que se alargasse para além da turma, e assim incluir algumas crianças da cidade de Vila Real. Foi então que o docente nos mostrou esta ideia e todos em conjuntos fomos criando este projeto da elaboração de “telas” humanas, construídas com tecidos, e nessas telas desenhar uma erva aromática. Para o trabalho ficar ainda mais apelativo, optamos por coser diferentes materiais nessa tela. Com a ajuda dos alunos tudo se tornou mais fácil. No horário da nossa aula, dirigimo-nos à escola de Torneiros e cada elemento da nossa turma juntou-se com um aluno da escola e juntos, criamos o projeto. Nós, Irene e Catarina ficamos com a aluna Graça e as três juntas criamos o Poejo. Nós não escolhemos a Graça: começamos por conversar e ali surgiu logo uma ligação entre as três e juntas, criamos o nosso trabalho. Este trabalho teve mais importância do que realmente parece. Foi-nos benéfico pelo contacto constante que tivemos com as crianças e assim perceber a forma como pensam. Foi importante para nós como futuras docentes, entrar numa sala de aula e trabalhar numa sala de aula, ainda que, informalmente. Foi ainda benéfico porque conseguimos desenvolver a nossa criatividade e ajudar as crianças a desenvolver a delas. Foi um projeto trabalhoso onde para além de nós, os pais das crianças também se envolveram, dando uma grande ajuda. Ao fim de todo o trabalho, vê-los a desfilar, no dia da árvore, na nossa universidade, com as telas foi o culminar de todo o orgulho neste trabalho e a percepção que todo o trabalho valeu a pena”. Catarina Eirô e Irene Miranda.*

Testemunho 3: *“O projeto foi desenvolvido, num processo contínuo de elaboração, no âmbito da unidade curricular Projeto artístico de intervenção educacional, relativo ao 1º semestre do 3º ano da Licenciatura em Educação Básica, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, proposto pelo docente Levi Leonido Fernandes da Silva e elaborado com a colaboração da docente, auxiliares e pais dos alunos, executado na Escola de Torneiros. Este projeto consistiu na criação de fatos didáticos, constituídos por Ervas Aromáticas, cosidas através de tecidos reutilizados das cores correspondentes à erva respetiva a cada aluno, representada de forma apelativa (com cheiro e textura) a eventuais alunos ou pessoas com necessidades especiais (a visão, por exemplo, como um caso na nossa turma) e daí, surgiu a ideia. Desse modo, os principais objetivos deste projeto foram a aprendizagem de novas competências, bem como a interligação prática com as crianças e a interação com as mesmas. Com este projeto, acompanhamo-las e fizemos com que os nossos dias fossem igualmente diferentes como os deles, bem como tinha como finalidade, ser apresentado na Universidade anteriormente nomeada, no dia da árvore, que assim foi concretizado com sucesso. Neste projeto, foram-nos correspondidos um aluno e a Erva de S. Roberto (“Geranium Robertianum L.”), no qual a parte da frente do fato (imagem e textura) foi elaborada por nós e a parte de trás (grafia) pelo contributo dos pais do aluno. Assim, consideramos que foi um projeto bastante colaborativo por parte dos pais e da comunidade educativa, bem como enriquecedor e produtivo tanto para a escola (alunos) como para nós (futuras educadoras/ professoras) e relevante para os mesmos. Por isso, agradecemos a colaboração, assim como também, a proposta da elaboração deste projeto”. Daniela Monteiro e Eduarda Oliveira.*

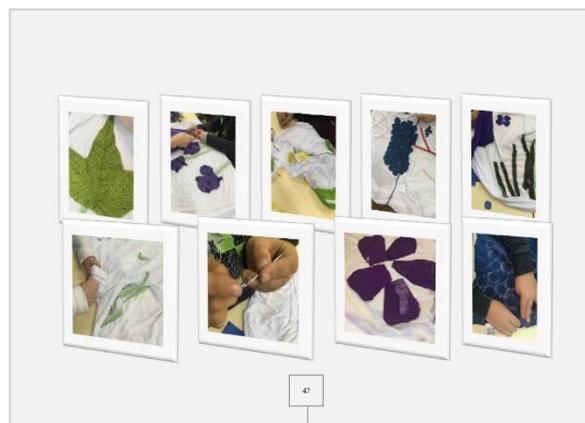
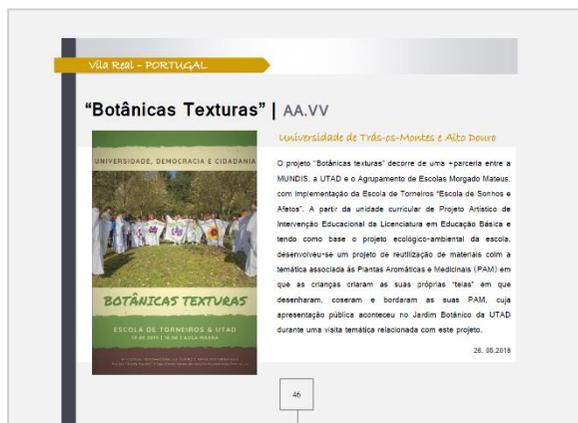
Testemunho 4: *“A parte mais inspiradora e interessante foi, como é sabido e notório por todos, conseguir executar um projeto que partiu de uma situação nova para todos: a formação de um colega invisual como professor. A partir daí, juntamente com o programa que estava a ser lecionado na altura nesta escola, pudemos desenvolver um projeto desta dimensão e importância. O facto de, com os olhos vendados, podermos “ver” o que se pintou (sem tintas), o que se sentiu ou cheirou, foi brutal. Uma prova de chá, uma reflexão sobre as virtudes das plantas aromáticas e uma visita ao campus da UTAD... tudo se encaixou na perfeição mais imperfeita. O facto de terem trabalhado (todas as aulas fora da UTAD) diretamente no contexto de sala de aula, onde foram feitos e elaborados fatos, guarda-roupas, costuras e outras soluções que surgiram como urgências e possibilidades de aprendizagem prática, foi – como se costuma dizer – a cereja no topo do bolo. Um projeto que, se pedagogicamente o entendermos, será para toda a vida. E quem beneficiou com o facto de estudar as plantas, saber como elas podem ajudar a nossa saúde e, acima de tudo, viver uma experiência totalmente inclusiva, informativa e desafiadora... só mesmo quem esteve presente, viu, realizou e construiu uma iniciativa em formato de projeto integrado, inclusivo e participado por todos: pais, filhos, estudantes, professores e futuros professores. Todos no mesmo caminho e na mesma direção: educar para a inclusão, para a sabedoria e para o saber-fazer. Dizem por aí: “O saber não ocupa lugar”. E não ocupa, mesmo! Quem acreditaria que iria coser à mão ou à máquina panos, restos de tecidos, desenhar com novelos de lã ou desfazer camisolas para um momento desafiante de reutilização plena? Só quem passou e viveu esta intensa experiência. No futuro, que os professores que virão sigam este caminho: o da descoberta, do prazer em fazer... fazendo”.*

13. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

As etapas levadas a cabo contaram com a participação de cerca de seis dezenas de participantes em diversas tipologias de envolvimento, como formação, apoio, logística, entre outros. As etapas propostas foram concretizadas, e o objetivo mais mensurável, que era a apresentação pública à comunidade e, em particular, aos pais e encarregados de educação, foi alcançado. Essa apresentação ocorreu na Aula Magna da UTAD, no dia 19 de junho de 2019, às [horário]. Esta iniciativa contou com o apoio técnico da equipe liderada por Paula Rodrigues (Serviços Audiovisuais da UTAD). A apresentação contou com a participação de estudantes da UTAD (Licenciatura em Educação Básica), onde foram destacadas as atividades que refletem os projetos desenvolvidos na escola em parceria com a UTAD e com os pais e encarregados de educação. Essas atividades focaram principalmente nas problemáticas identificadas no início do ano letivo, como histórias com moral, gestão de conflitos, cidadania e educação pelas artes.

PROGRAMA DE VISITA À UTAD

No livro “TORGA MUNDIS”⁴ (pp. 46-48) este projeto surge em destaque, uma vez ter integrado a programação da 6.ª edição FITAP – Festival Internacional de Teatro e Artes Performativas, cujo print screen aqui partilhamos:



⁴ chrome-extension://efaidnbmnnnibpcjpcglclefindmkaj/https://irp.cdn-website.com/ff0fa715/files/uploaded/LIVRO%20torga_mundis_2019.pdf

14. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS FUTURAS

Para podermos melhorar a perceção das competências que desenvolvemos, através da reflexão interna (no contexto da sala de aula) e considerando as opiniões e sugestões recebidas de alguns intervenientes, seleccionámos as principais competências, apresentadas num quadro síntese:

Quadro síntese	
<i>Principais conclusões do projeto “Botânicas Texturas”</i>	
Generais	Observação
Aulas em contexto de Extensão à Comunidade	Parte significativa das aulas ocorreram na Escola de Torneiros e apenas as de preparação, reflexão e avaliação ocorreram na UTAD.
Aplicação do Modelo DEP (Didática Expressiva Proximal).	Articular uma expressão artística com um conteúdo programático de outra área científica (um dos principais pilares deste Modelo que assume 12 linhas de intervenção em meio artístico-escolar).
Aplicar o MILMESA no plano de intervenção artística em ambiente escolar.	Na articulação de saberes e aprendizagens através da arte. Tendo em consideração, sempre, a valorização e foco nos conteúdos programáticos que se pretendem ministrar.
Desenvolver projetos a partir de fatores endógenos e exógenos.	O projeto surge a partir de uma limitação visual de um dos estudantes da UTAD, que se formou para ser professor. A partir desta limitação, desenvolveu-se e idealizou-se toda a articulação entre saberes, objetivos e perspetivas futuras deste trabalho. No contexto externo à UTAD (formação de professores), assumiu-se o projeto da escola e os currículos programáticos vigentes na altura.
Desenvolver projetos a partir de conteúdos programáticos da Escola.	A construção da ideia e do conceito decorreu da articulação entre as ideias e os conteúdos programáticos que estavam a ser ministrados na escola onde o projeto estava a ser implementado. Sempre em direta articulação com a Unidade Curricular que era mediadora e facilitadora da concretização do projeto (Projeto Artístico de Intervenção Educacional).

<p>Educação com missão inclusiva, envolvendo alunos em formação para prosseguirem carreira docente no futuro.</p>	<p>A partir da percepção das dificuldades e limitações enfrentadas por alguns colegas, nomeadamente um aluno com deficiência visual, refletiu-se sobre como mitigar essas limitações e, ao mesmo tempo, valorizar outras dimensões e momentos que tornam estes tipos de projetos especiais. A ideia era criar algo que não apenas ajudasse a superar a limitação, mas que também proporcionasse uma experiência enriquecedora. Esse processo permitiu que o aluno e os envolvidos retirassem conclusões relevantes para a sua vida pessoal e profissional, tanto no domínio da educação formal como no não formal e informal.</p>
<p>Manualidades educativas e dinâmica inventiva com uma perspetiva interdisciplinar.</p>	<p>Manusearam materiais e técnicas não usuais, reutilizando-os de forma construtiva e prazerosa. Atividades como coser (à mão ou à máquina), borrar ou esboçar em pano com giz branco não são, propriamente, métodos ou técnicas utilizadas pela esmagadora maioria dos intervenientes e participantes. Este contacto e desenvolvimento de competências forma relevantes e surpreendentes para todos, sob o ponto de vista da descoberta e da prática.</p>
<p>Reutilização de materiais domésticos e escolares.</p>	<p>A “tinta” para pintar os “quadros” foi deliberadamente criada ao desfazer camisolas velhas em lã e outras fibras para se fazerem novelos que serviriam como tintas. O mesmo aconteceu com os restos de roupas e panos, que foram usados para pintar as partes mais intensas e de maior dimensão. Os novelos de linhas reutilizados foram principalmente usados para bordar e segurar os panos nos locais previamente delineados no desenho prévio.</p>
<p>Articular o projeto com projetos existentes.</p>	<p>Participar, partilhar e acrescentar algo ao projeto existente de apadrinhamento de árvores do Parque da Escola de Torneiros (todas com código QR) e, ao mesmo tempo, melhor se enquadrar o espetacular trabalho já realizado pelo projeto “Academias Gulbenkian Conhecimento - Metodologias Experimentais” dinamizado pela ALTER IBI (António Luís Crespi, Tamyris Santana, Maxim Jaffe e Mila Simões de Abreu, entre outros) e com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.</p>

Aprendizagem de nomes vulgares e técnicos.	Ficaram, certamente, a saber os nomes vulgares e técnicos das Plantas Aromáticas e Medicinais (PAM).
Aplicação e feitura de materiais não convencionais.	Criaram um projeto “fora da caixa” sem materiais, estratégias e técnicas convencionais (Pintura “sem tintas”; Tela sem ser “quadro”; Tinta sem tinta - restos de lã das camisolas velhas - e o pincel foi a “agulha”).
Promover troca de experiências e visitas de estudo entre instituições escolares e académicas.	Puderam visitar um dos mais espetaculares jardins botânicos da Europa: o Jardim Botânico da UTAD. Durante a visita, tiveram a oportunidade de explorar o Centro Interpretativo do mesmo, bem como visitar o herbário e as exposições lá pertencentes. Além disso, houve contato com as diversas espécies presentes no local, utilizando o campus universitário como um laboratório natural de estudo e contemplação.
Promover a apresentação pública dos projetos de escolas locais em vários espaços.	Todos os projetos realizados neste âmbito, e nesta escola em particular, contaram com apresentações públicas em outras instituições ou locais, para promover a circulação de pessoas, saberes e conhecimento.
Promover o registo de projetos para réplicas e adaptações futuras.	Em cada projeto desenvolvido, foi realizado o levantamento de saberes, registos audiovisuais da atividade e, acima de tudo, foi escrito o projeto (neste formato), onde se apresentam objetivos, se aferem resultados e se prepara o futuro para projetos que se adaptem ou reinventem este ou outro projeto nestes moldes e com estes modelos base (MILMESA e DEP).
Promover um semestre de aprendizagem em contexto e de aplicação prática.	Um semestre (e um dia) diferentes.... Numa escola que se quer diferente!

Com normalidade formal e institucional, integrou-se este projeto no âmbito do programa maior “Torneiros — Uma Escola de Sonhos e Afetos”⁵, que, sendo um projeto em permanente construção, foi criado e reforçado ao longo do tempo com o objetivo de consolidar o papel e a intervenção da comunidade educativa na escola de Torneiros. Pretende-se, de forma global, desenvolver um ambiente escolar baseado na afetividade, no apoio emocional e no sentimento de pertença, sendo percebido como uma iniciativa contínua, em constante aprimoramento.

⁵ https://www.facebook.com/sonhoseafetos/mentions/?utm_source=chatgpt.com&_rdr

Destacam-se alguns exemplos ou particularidades deste projeto, em relação a outros projetos próximos e análogos, tanto em termos de objetivos como de centralidade formal e contextual: 1. A importância do horário prolongado no pré-escolar, possibilitando a extensão das atividades para além do turno letivo habitual; 2. Uma mentalidade de cuidado integral, com foco no bem-estar emocional dos alunos; 3. As atividades com participação ativa dos pais, encarregados de educação e outros profissionais do setor, que são convidados a intervir (participando diretamente nas aprendizagens e vivências desejadas), contribuindo para a construção de um plano mais diverso, mais integrador e mais inclusivo — seja nas áreas tradicionalmente privilegiadas, seja na integração e interação de outras áreas (como as artes), que surgem como centrais para desbloquear certas aprendizagens ou complementar/reforçar, por meio delas, outras dimensões do saber.

A característica principal deste projeto, de forma sintética, pode ser mensurada com base nos seguintes três pilares fundamentais: 1. Comunidade educativa envolvente: pais, docentes e alunos são chamados a construir um ambiente de convivência afetiva e próxima, com ênfase nos afetos e nos apoios mútuos; 2. Estrutura de tempo alargado: o projeto parece incluir atividades após o horário letivo tradicional, como lanches, brinquedos, descanso e atividades lúdicas, que apoiam diretamente as famílias e os educandos; 3. Evolução constante: sendo descrito como um projeto em contínua maturação, valoriza a reflexão e o aperfeiçoamento permanentes, reconhecendo que o trabalho está sempre em progresso.

No cômputo geral, a adaptação deste projeto, com alguma originalidade própria, tem respondido aos desafios e necessidades emergentes, ajustando estratégias e formas de envolver, motivar e fazer participar todos os elementos da comunidade escolar. Este projeto tem mantido, com mérito, o funcionamento de uma escola que, não fosse esta sensibilidade regional para a sua especificidade, estaria encerrada e entregue a outra instituição com finalidades distintas do universo educativo das gentes da freguesia e daqueles que, aqui chegando, se integram com facilidade e naturalidade, como frequentemente acontece.

Em suma, este projeto (BOTÂNICAS TEXTURAS), assume-se com parte de um plano educativo que enfatiza a educação inclusiva, a interdisciplinaridade, a reutilização de materiais, e a promoção de projetos colaborativos em contextos escolares e comunitários.

A experiência e vivência conjunta entre ciclos de estudos e gerações foi, assim consideramos, uma interessante abordagem que primou pela abertura da escola à sociedade e a outras intervenções na formação dos discentes e na afirmação da escola pela diferença na abordagem e modelos pedagógicos que se tentaram introduzir nesta instituição que, como é público e notório, sobreviveu aos fechos e aglomerações em escolas de maior dimensão por decisão política dos governos de então.

Os pais e encarregados de educação, assim como a escola e o agrupamento de escolas que a acolhe e integra, ao longo do tempo, fizeram esforços substanciais e significativos para esta escola com características e especificidades muito próprias, decorrentes da filosofia educacional e projeto que sustentava a sua afirmação, para que fosse um sucesso. Muito se fez, e o mais interessante foi apreciar a forma como todos se envolveram na dinamização e concretização do projeto e na sua apresentação pública.

Este foi um dos três projetos que foram introduzidos pelos mesmos interlocutores e instituições, a par do projeto BAOBA (Dança em tempos de Pandemia) e do projeto “ALFABETIZAÇÃO MUSICAL DE INSPIRAÇÃO KODALIANA”.

Esse projeto despertou grande interesse académico e científico, sendo destacado em diversas investigações e apresentações em eventos nacionais e internacionais, devido à sua ligação ao ambiente e à arte em contexto escolar. Esses projetos estão igualmente documentados e apresentados em livros análogos a este, com o mesmo formato e tipologia no que diz respeito à motivação, aos objetivos e à interação entre a comunidade académica e a comunidade escolar envolvente.

Em termos de futuro, no que toca a projetos como estes que, como se verifica, são projetos dinamizados por pais e encarregados de educação juntamente com as instituições locais, o corpo docente, discentes e funcionários das escolas em causa. Assim, todos dependem, invariavelmente, de um hiato temporal em que estes grupos se mantêm nas escolas.

O mesmo acontece com o corpo docente, que pode, ou não, apoiar este tipo de abordagens e projetos, mais valiosos, e ter em conta a sua integração nos planos e estratégias pedagógico-didáticas que estão em curso num determinado período, semestre ou ano. Ou seja, a constante mudança e alteração do corpo docente e a natural renovação de estudantes que seguem o seu caminho para ciclos seguintes faz com que estes tipos de projetos não se consolidem como era seu objetivo. Esta volatilidade no domínio administrativo, político e a sensibilidade para as aprendizagens das artes ou de outras áreas do saber através da arte não são sempre tão bem-vindas como, em tese, se faz pressupor.

No nosso entender, quanto mais abordagens e experiências forem introduzidas nas escolas, vindas de pais, encarregados de educação, artistas ou outros interlocutores (e formadores), devem ser, sempre que possível e articulável com o projeto global da escola, acarinhados e valorizados, pois, como anteriormente se verificou, alguns destes discentes seguiram a sua vocação natural e/ou despertaram para o universo sonoro-musical com este simples projeto que acolheu um mestrando brasileiro da UTAD, de seu nome Bartolomeu Lima, e que presenteou os estudantes e a comunidade local de Torneiros com este envolvente projeto.

Bem-haja a todos os que fizeram com que este projeto vingasse e conseguisse alcançar o objetivo global a que se propôs: articular saberes a partir de um projeto que interligasse a arte, o ambiente e a inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arnheim, R. (1974). *Art and visual perception: A psychology of the creative eye*. University of California Press.

Aydın, P., Kara, N., & Özkan, B. (2018). Blindness and visual impairment in opera. *European Journal of Ophthalmology*, 28(1), 122–125. <https://doi.org/10.5301/ejo.5000996>

Baker, D. (2014). Visually impaired musicians' insights: Narratives of childhood, lifelong learning and musical participation. *British Journal of Music Education*, 31(2), 129–146. <https://doi.org/10.1017/S0265051714000075>

Belfiore, E., & Bennett, O. (2008). *The social impact of the arts: An intellectual history*. Palgrave Macmillan.

Bernardos, S., Castro, A. S., & Crespí, A. L. (2005). *Flora da região demarcada do Douro*. Mirandela, Portugal: Edição dos autores / UTAD.

Bishop, C. (2012). *Artificial hells: Participatory art and the politics of spectatorship*. Verso Books.

BlindArt. (2004). BlindArt exhibitions and inclusive art practices. Londres, Reino Unido. Recuperado de <https://en.wikipedia.org/wiki/BlindArt>

Candau, V. M. F. (2016). Educação e sensibilidade: por uma pedagogia da presença. *Revista Brasileira de Educação*, 21(65), 191–208. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216510>

Cannatella, H. (2011). *Creating a better place to live: The argument for craft education*. Springer.

Ciccone, L. (2001). *Histoire des musiciens aveugles: Entre marginalité, mythes et réalité*. L'Harmattan.

Claire, B. (2009). *The complete book of tailoring techniques: A classic guide to sewing the perfect garment*. Barron's Educational Series.

Clark, W. (2021). *A Light in the Darkness: The Life of Joaquín Rodrigo*. Oxford University Press.

Classen, C. (2012). *The deepest sense: A cultural history of touch*. University of Illinois Press.

Coffin, D. P. (2003). *Shirtmaking: Developing skills for fine sewing*. Taunton Press.

Coleman, P. (2008). *Sewing techniques: Hand and machine stitches for beginners*. Search Press.

Comunidade Intermunicipal Terras de Trás-os-Montes. (2020). 9 Passos pelo território: Guia de biodiversidade. https://9passos.cim-ttm.pt/wp-content/uploads/2020/10/220012_02_BROCHURA_GERAL_8C_PT.pdf

Conway, L. (2020, December 14). American composers and blind musicians from A to Z: U–V, part 2 (Ungr–Imr). Library of Congress: NLS Music Notes. <https://blogs.loc.gov/nls-music-notes/2020/12/american-composers-and-blind-musicians-from-a-to-z-u-v-part-2-ungr-imr/>

Coutinho, A. X. P., Aguiar, C., Alves, P. J. M., Silveira, P. C. da, Almeida, J. D., Crespi, A. L., ... Honrado, J. J. (2010). Atlas Flora Europaeae: Rosaceae (Rubus). Cambridge, Reino Unido: Committee for Mapping the Flora of Europe.

Crespi, A. L. (2008). Distribuição e aspectos morfológicos de três espécies protegidas em Portugal. *Lagasalia*, 19(1–2), 793–804.

Crespi, A. L. (2012). *Flora das serras ocidentais transmontanas*. Vila Real, Portugal: Jardim Botânico da UTAD.

Crespi, A. L. (2015). *Flora e vegetação do vale do rio Corgo*. Vila Real, Portugal: Câmara Municipal de Vila Real.

Crespi, A. L. (2015). *Guia ilustrado do Jardim Botânico da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Vila Real, Portugal: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Da Silva, E. N., Teixeira, D. S., & Justi, J. (2019). O ensino de artes visuais para alunos com deficiência visual. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*. Recuperado de <https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/02/ensino-artes-visuais.html>

Denney, M. J. (1997). *Arts and Crafts furniture and vernacular furniture: A comparative study* (Bachelor's thesis). Buckinghamshire New University.

Dewey, J. (1934). *Art as experience*. Minton, Balch & Co.

- DiMedio, A. M. (1990). Frances McCollin: Her life and music (Doctoral dissertation, University of Maryland). University Microfilms International.
- Eisner, E. W. (2002). *The arts and the creation of mind*. Yale University Press.
- Elpel, T. J. (2013). *Botany in a day: The patterns method of plant identification* (6th ed.). HOPS Press.
- Fajrie, E. R. (2020). A study of visual impairment in the art creation process using clay. *International Journal of Innovation, Creativity and Change*, 11(10), 473–486. Recuperado de https://www.ijicc.net/images/vol11iss10/111020_Fajrie_2020_E_R.pdf
- Flora-On. (n.d.). Plantas de Portugal. Sociedade Portuguesa de Botânica. <https://flora-on.pt>
- Franco, J. A., & Rocha Afonso, M. L. (1994–2003). *Flora ibérica: Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares* (Vols. I–VIII). Real Jardín Botánico, CSIC.
- Fundación Victoria y Joaquín Rodrigo. (n.d.). The true story of the Concierto de Aranjuez. <https://www.joaquin-rodrigo.com/index.php/en/the-true-story-of-concierto-de-aranjuez>
- Gabrys, J. (2011). *Digital rubbish: A natural history of electronics*. University of Michigan Press.
- Gagnon, L., Kupers, R., & Ptito, M. (2015). Enhanced olfactory abilities in the blind. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 41, 53–60.
- Gale, L. A. (2018). *Botanical illustration: The complete guide*. The Crowood Press.
- Gates, S. (2012). *The sewing book* (2nd ed.). Dorling Kindersley.
- Ghoting, S. N. (2010). *Art and craft activities for early literacy @ your fingertips*. American Library Association.
- Haberlandt, G. (1884). *Physiological plant anatomy* (D. W. Scott, Trans.). Wilhelm Engelmann. (Original work published in German)

- Hamilton, R. H., Pascual-Leone, A., & Schlaug, G. (2004). Absolute pitch in blind musicians. *NeuroReport*, 15(5), 803–806. <https://doi.org/10.1097/00001756-200404090-00029>
- Hart, I. (2006). *Arts and crafts objects: A cultural and educational study* (Doctoral dissertation). University of York.
- Hollywood Bowl. (n.d.). Concierto de Aranjuez by Joaquín Rodrigo. <https://www.hollywoodbowl.com/musicdb/pieces/269/concierto-de-aranjuez>
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). (2020). Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental. Sociedade Portuguesa de Botânica & Flora-On. <https://listavermelha-flora.pt>
- Instituto de História da Arte. (2019). O Grupo do Leão: Explorando a inclusão das pessoas com deficiência visual em museus através de uma experiência virtual imersiva. Recuperado de <https://institutodehistoriadaarte.com/o-grupo-do-leao-explorando-a-inclusao-das-pessoas-com-deficiencia-visual-em-museus/>
- International Journal Corner. (s.d.). Teaching strategies for the visually impaired in visual arts. *International Journal of Innovative Research and Development*, 8(6), 22–27. Recuperado de https://www.internationaljournalcorner.com/index.php/ijird_ojs/article/view/172844
- Klee, P. (1953). *Pedagogical sketchbook* (S. Moholy-Nagy, Trans.). Faber & Faber. (Original work published 1925)
- Kupers, R., & Ptito, M. (2011). Insights from darkness: What the study of blindness has taught us about brain structure and function. *Current Opinion in Neurology*, 24(4), 357–363.
- Lancaster, J. (1986). *Art, craft and design in the primary school*. National Society for Education in Art and Design.
- Lourenço, P., Caperta, A. D., Espírito-Santo, D., & Romeiras, M. M. (2020). Threatened vascular flora of northeast Portugal: New insights for conservation. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 194(2), 153–173. <https://doi.org/10.1093/botlinnean/boz082>
- Lowenfeld, V., & Brittain, W. L. (1987). *Creative and mental growth* (8th ed.). Macmillan.

- Marks, L. U. (2002). *Touch: Sensuous theory and multisensory media*. University of Minnesota Press.
- Matthews, M. (2010). *The basics of hand sewing: A beginner's guide*. Dover Publications.
- Mitchell, D. M. (2000). *Both art and craft: Teaching ideas that spark learning*. Scholastic Professional Books.
- National Society for Education in Art and Design. (1999). *Arts and crafts in primary education: Guidance for teachers*. NSEAD Publications.
- Nel, R. (2008). *Art & craft: Ideas and techniques – An arts education guide for teachers*. Cambridge University Press.
- Nudelman, K. (2010). *Making vintage couture clothing*. AVA Publishing.
- Nunes, A. L. R., & Okita, E. T. (2019). Artes visuais, diversidade e inclusão: A poética expressiva de adultos com deficiência visual. *Revista ArteInclusão*, 11(2), 235–252. <https://doi.org/10.5965/198486471122019235>
- O'Donoghue, D. (2009). Are we asking the wrong questions in arts education? *Studies in Art Education*, 50(4), 352–368.
- Pereira, H. M., Domingos, T., Vicente, L., & Proença, V. (2004). Portugal Millennium Ecosystem Assessment: State of biodiversity and ecosystems. *Relatórios do Milénio*, Universidade de Lisboa.
- Pinto-Gomes, C., & Freitas, H. (2007). Flora and vegetation of the Montesinho Natural Park (northeast Portugal). *Acta Botanica Malacitana*, 32, 141–159.
- Prusinkiewicz, P., & Lindenmayer, A. (1990). *The algorithmic beauty of plants*. Springer-Verlag.
- Rodrigo, C. (2005). *Joaquín Rodrigo: Vida y obra*. Fundación Autor / Sociedad General de Autores y Editores (SGAE).
- Rodrigo, J. (Composer), & De Lucía, P. (Performer). (1991). *Concierto de Aranjuez* [CD]. Philips Classics.
- Rodrigo, J. (Composer), Davis, M. (Trumpet), & Evans, G. (Arranger). (1960). *Sketches of Spain* [LP]. Columbia Records.

- Rossjohn, J., Tandori, E., & Monash University. (2018). Sensory science exhibition: Multimodal visual art for visually impaired audiences. The Australian. Recuperado de <https://www.theaustralian.com.au/health/art-internships-open-biomedicine-to-visually-impaired/news-story/fb878fe9604396012b834e1caed13a5b>
- Sacks, O. (2003). *The mind's eye*. Vintage Books.
- Sampaio, A., Crespi, A. L., Caldas, B., Neto, C., Aguiar, C., Pinto-Gomes, C. J., ... et al. (2007). *Guia de campo: As árvores e os arbustos de Portugal Continental*. Lisboa, Portugal: Público / FLAD.
- Shaeffer, C. (2003). *Couture sewing techniques*. Taunton Press.
- Silva, R. F., & Amaral, A. M. (2020). Arte e inclusão: experiências multissensoriais com alunos com deficiência visual. *Revista Educação e Linguagens*, 9(19), 81–98. <https://doi.org/10.14393/REL.v9n19.2020.55171>
- Simblet, S. (2010). *Botany for the artist: An inspirational guide to drawing plants*. Dorling Kindersley.
- Smith, A. (1998). *Complete guide to hand sewing: Embroidery and needlework techniques*. Reader's Digest.
- Soldera, D. (2012). Possibilidades de pesquisas em artes visuais com deficientes visuais. In R. H. Monteiro & C. Rocha (Orgs.), *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual* (pp. 1–10). Universidade Federal de Goiás. Recuperado de https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-106_Possibilidades_de_pesquisas.pdf
- Souza, M. G. L., & Costa, R. X. (2016). Ensino de artes visuais para crianças com deficiências visuais no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. *Revista ArteInclusão*, 8(2), 73–87. Recuperado de <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/7726>
- Sprague, A. N. (2010). *The craftsman painters of the arts and crafts movement* (Master's thesis). University of Cambridge.
- Stevens, M., & Society of Botanical Artists. (2004). *The art of botanical painting*. HarperCollins.

- Stuckey, H. L., & Nobel, J. (2010). The connection between art, healing, and public health: A review of current literature. *American Journal of Public Health, 100*(2), 254–263. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2008.156497>
- Thomerson, D. R. (1988). *Jean Langlais: A bio-bibliography*. Greenwood Press.
- UNESCO. (2021). *Repensar as políticas culturais: Relatório mundial da UNESCO sobre políticas culturais para o desenvolvimento sustentável*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
- Van Grouw, K. (2013). *The unfeathered bird*. Princeton University Press.
- Wade, G. (2001). Joaquín Rodrigo (1901–99): Centenary appreciation. *Classical Guitar, 19*(6), 24–27.
- Wilder. (2021, agosto 18). Três novas espécies para a flora portuguesa descobertas em Trás-os-Montes. Wilder – Rewilding Your Days. <https://wilder.pt>
- Woolman, D. C. (Ed.). (1990). *Annotated bibliography of art education resources* (ERIC Document No. ED421400). <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED421400.pdf>
- World Health Organization (WHO). (2019). *What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review*. WHO Regional Office for Europe. https://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0007/419067/WHO-report-arts-and-health-evidence.pdf
- Zagalaz, M. L. (1999). El “Concierto de Aranjuez” y su significado en la música española del siglo XX. *Revista de Musicología, 22*(1), 311–328. <https://doi.org/10.2307/20797421>

mundis
ASSOCIAÇÃO CÍVICA DE FORMAÇÃO E CULTURA



≡ TORGA MUNDIS ≡

2019

© MUNDIS



i

© ERAS *Edições*.

Título: *TORGA MUNIDS*

Autor: AA.VV.

Editor: MUNDIS - Associação Cívica de Formação e Cultura

Revista: European Review of Artistic Studies

Coordenação Geral | Edição: Levi Leonido

Prefácio: Levi Leonido

Organizadores: Levi Leonido, Elsa Morgado, Luis Canotilho, Mário Cardoso, João Bartolomeu e José Carvalho.

Capa e Contracapa: Levi Leonido

Data da edição: julho de 2019

ISSN (online): 1647-3558 **ISSN (impresso):** 2184-2116

ISBN: 978-989-54714-0-9

Classificação THEMA - Nível 1: A – Artes

Classificação THEMA - Nível 2: AB - Artes: questões gerais

ÍNDICE TEMÁTICO

≡ VI FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO E ARTES PERFORMATIVAS≡

TEATRO E COMUNIDADE

Alijó | Cerco | Campanhã | Buenos Aires | Huambo

[6-19]

MÚSICA E COMUNIDADE

Braga | Rio de Janeiro | Vila Real | Passo Fundo | Macedo de Cavaleiros | Copacabana

[20-33]

DANÇA, ANIMAÇÃO E TEATRO DE RUA

BAGUIM | Combine

[36-38]

PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Bengo | Bragança | Vila Real | Florianópolis | Porto

[42-53]

Prefácio

.....
"A arte cada vez menos existe e / ou sobreviverá isoladamente. Não só o diálogo interartes a salvará, mas sim, e Ex équo, se abraçarmos uma radical mudança na forma como comunicarmos arte. Incumbem-nos estes novos tempos de assumirmos esta incomensurável tarefa de revolucionar a forma como a arte flui e como terá que integrar todo o universo tecnológico sem que esta perca a sua identidade. Possível? Sim. Claro que sim. Agradece-se a quem o faça por forma a que se replique pelos descrentes e se desmobilizem os reiteradamente pessimistas" (Leonido, 2006).
.....

Este ano, por opção, agregámos às iniciativas artísticas, outras de índole científica em áreas estruturantes no domínio das artes em geral e, em especial, quisemos aferir a importância das artes em contexto de extensão comunitária. Numa perspetiva dialógica em cujo escopo se cruzam e debatem as artes e num exercício simples em que se multiplicam os eventos culturais, nascem novas reflexões que delineiem caminhos integradores e inclusivos que abrem as portas da cultura e das artes a todo o homem e ao homem todo. E, de forma decisiva, partilhámos e continuamos a partilhar essas experiências, em direto, em *streaming*, em transmissões através das mais diversas plataformas digitais e *sites* dedicados, ou outras formas afetas às redes sociais, possamos partilhar momentos únicos com e sem a presença de todas as pessoas que, caso os constrangimentos espaciais e económicos ou até laborais não existissem, teriam estado presença nestes eventos.

Assim, cabe-nos dar forma a um modelo - em formato de livro - que permita reeditar as alegrias e as vivências de quem pôde e quis disfrutar presencialmente de momentos verdadeiramente enriquecedores, sem esquecer todos os de boa vontade, a quem as contingências várias impediram a tão famigerada presença. Dar-lhes possibilidade de acederem a conteúdos e ao registo dos eventos que foram acontecendo, apesar dos desafios que as distâncias e outras barreiras nos impuseram, é o desafio que se segue: TORGA MUNDIS 2019. Partilhar é a palavra-chave que nos impele a seguir em frente: partilhar o pão partido para todos em fraterna mesa posta, ou o pão ainda quente acabado de sair de um forno comunitário, para nós tanto importa, desde que a partilha aconteça e a cultura se democratize. É muito isso, mas cada vez mais o tempo real e a democratização do acesso que a tecnologia permite, terá que ser usada até ao limite do que consideramos ser eticamente aceitável e que, em tempo algum ou por qualquer forma, ponha em causa a sua essência, os seus valores ou a identidade de um qualquer processo ou produto artístico ou cultural que neste evento integramos. São assuntos diversos e distintos, mas em qualquer deles, jamais descuremos o carácter indelével humanista que transportamos connosco. A essência e a identidade não se perdem certamente. Pelo contrário, ganhamos muito em partilhar para que não se convertam em “eventos do esquecimento” e, essencialmente, para que se replique onde puder ser replicado, reinventado e melhorado. Seja ele qual for o evento ou iniciativa, o importante é que se criem condições para crescer, melhorar e aprofundar conteúdos, vivências ou até mesmo inovações inspiradas no que vamos fazendo, ano após-ano.

Levi Leonido | UTAD – CITAR UCP

APOIOS E PARCERIAS

Apoios pecuniários: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Grupo Missão Cultura) através do contrato programa com o Banco SANTANDER TOTTA | Delegação Regional de Cultura do Norte | MUNDIS – Associação Cívica e Cultural.

Apoios logísticos e técnicos: Universidade Metodista Unida de Moçambique | Universidade Federal do Rio de Janeiro | Universidade Federal do Maranhão | Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança | Escola Superior Pedagógica do Bengo – Angola | Instituto Superior de Angola | Universidade de Buenos Aires – Argentina | Seminário Batista do Sul do Brasil | Faculdade Batista do Rio de Janeiro | Convento de Nossa Senhora de Balsamão - Congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição | Universidade do Minho | Federação das Coletividades do Distrito do Porto | Junta de Freguesia da Campanhã | Escola Básica Secundária do Cerco | Câmara Municipal de Alijó | Junta de Freguesia de Favaiois | Alecrim Teatro | Associação de Amigos de Trás-os-Montes e Douro | Laurent Filipe PRODUÇÕES | Colectivo D'artes Eclesiastes - Grupo de Jovens Cristão da Igreja Evangélica Congregacional em Angola | SOS TEATRO" | Nelson Pedro Nhanga | Agrupamento de Escolas Morgado Mateus | "JAZZMAMÉ" | Orquestra Solar "MENINOS DE LUZ" | LIPOR - Parque de Aventura "Trilho Ecológico" | Espaço Cultural Armazém Florianópolis | Clube dos Fenianos do Porto.

Comissão Científica e Organizadora: Levi Leonido | Elsa Gabriel Morgado | João Bartolomeu Rodrigues | Mário Cardoso | Luís Canotilho | Paulo Mafra | Luís Castanheira | Ângelo Martingo | Francisco Jacucha Kimbanda | Faustino Wilson Mussalilo Alves | Karina Mauro | Marco Aurélio Aparecido da Silva | Maria Beatriz Licursi Conceição | Mónica Coropos | Gustava Benetti | Jefferson Tiago Silva | Iveta Souza | Justino Silva | Ima Panzo | Ricardo Almeida | Adriana Auzani | Antonino Pereira | Carlos Pedro Cláver Yoba | Isaac Pedro Paxe | António Nunes | Estela Lamas | Sefisa Quixadá Bezerra | Paulo Alexandre e Castro.

Participações / colaborações especiais: Marcantonio Del-carlo | Fátima Vale | João Ricardo Barros de Oliveira | José Castelo Branco | Dinis Armando Guidione | Eneas da Conceição Lourenço | Luís Postiga | Tiago Porteiro | Inês Lamelas | Juarês Manico | Daguberto Alfredo | António Moreira | Antonio Pedro Afonso | Rui Martins | Mónica Cunha | Mariana do Rosário | Anabela Rodrigues | Ricardo Oliveira | Patrícia de Almeida | Herlandson Duarte | Laurent Filipe | José Paroca | Cristina Pereira | Cauê Martins Rios | Tais Maria Peixoto Alves | Olga Rebelo | Carminda Carvalho | Bruno Brito | Joana Nogueira | Rui Martins | Domingos Martins | José Pinto Sousa.

Há que promover o diálogo, a abertura, o saber e o conhecimento partilhado. Promover fusões entre variantes opostas e promover o diálogo, as transições e a interação entre o tradicional e o contemporâneo, transgredindo e retirando o melhor de ambos para um patamar artístico mais versátil e valioso, retirando mais-valias incomensuráveis desta comunhão que se julgaria, porventura, inalcançável.

Com tudo isto, o programa e o projeto, realça e tende a derrubar barreiras (sejam elas quais forem) em relação ao plano endógeno e exógeno das comunidades. O facto da organização ter assumido uma postura vincada quanto à difusão do evento, via Streaming em Open Access, abre toda uma janela de oportunidades, pois toda a gente é parte integrante da “comunidade” física, material ou virtual e imaterial. Em todos os quadrantes da programação e da criação artística existe um plural e pluridisciplinar marketing artístico-cultural da comunidade artística e dos públicos a quem toda a criação e programação se destina e que, como reiteradamente se verifica, se afirma pela sua “energia participativa” e da sua “energia criadora”.

O desafio mais excêntrico resultará em saber, em arte e no teatro em particular, combinar o tradicional e o tecnológico. Será necessário promover uma participação formal equilibrada e uma informalidade organizativa e relacional envolvente por forma a artisticamente construirmos um universo estético-teatral multilateral e partilhado. Avante!

P ROJETOS INTER E TRANSDISCIPLINARES

.....
O diálogo interartes dá "lugar à saudável experimentação das bases que fundamentam a interdisciplinaridade ou integração das artes. A mesma área torna-se fundamental, pois abrange aprendizagens arroladas ao aperfeiçoamento psicomotor e simbólico, os quais e por sua vez, estabelecem a compreensão e o gradual domínio de distintas formas de linguagem." (Leonido, 2016, p. 11).
.....

A interdisciplinaridade caracteriza-se pela "intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa" (Japiassu, 1976, p. 74). A interdisciplinaridade existe desde que o diálogo interartes ou interculturais aconteça como algo que se acrescenta ou complementa ao existente ou simplesmente ao ponto de partida de um qualquer projeto, ideia ou iniciativa. Consiste ainda em criar, buscar o novo, não somente (e exclusivamente) a simples junção de duas ou mais áreas do saber, mas sim, a criação de algo com uma identidade coesa, consistente, plural e única, quando possível. Neste domínio, consideramos importante e até mesmo decisivo o diálogo prazeroso entre áreas e, no caso, entre artes e a cultura.

Por sua vez, numa perspetiva mais inclusiva, abrangente e transversal, a transdisciplinaridade representa a libertação de toda uma unidade e compreende a partilha de áreas que não são obrigatoriamente próximas ou análogas em termos formais ou conceptuais.

Ambos os conceitos e respetivas metodologias / estratégias de trabalho e de criação pretendem / promovem aproximações, conjunções, interseções e intercâmbios. Um enorme “basta!” ao ensino e criação compartimentada, isolada e de sentido único. Um basta assumido ao simples e rotineiro “ordenar em caixas” e o classificar por classificar. Pelo contrário, o que se pretende é exatamente o contrário.

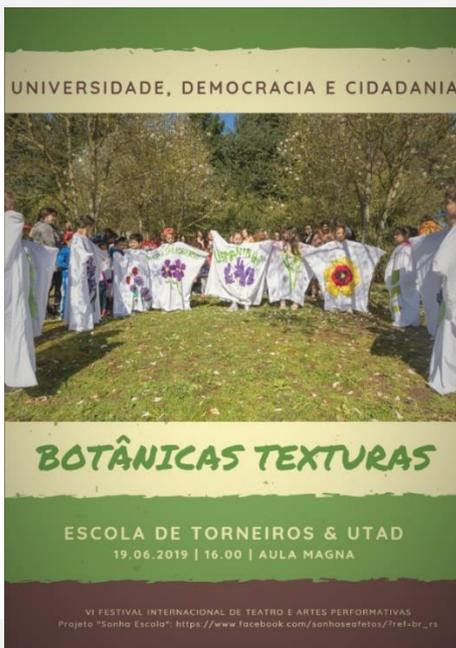
Que todo o processo culime e desemboque em algo agregador e, ao mesmo tempo, visceral e visivelmente libertador.

Estes projetos existem, coexistem e subsistem, pois, as áreas dialogam e complementam-se prazerosamente num ciclo de manifestação artística e cultural indivisível.

É por tudo isto que conscientemente lutamos e por esse fim que persistimos.

“Por quem os sinos dobram”.

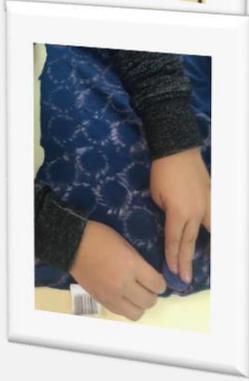
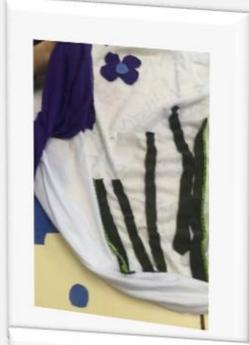
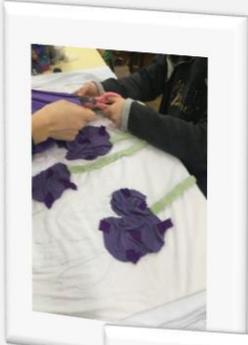
“Botânicas Texturas” | AA.VV



Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

O projeto “Botânicas texturas” decorre de uma +parceria entre a MUNDIS, a UTAD e o Agrupamento de Escolas Morgado Mateus, com implementação da Escola de Torneiros “Escola de Sonhos e Afetos”. A partir da unidade curricular de Projeto Artístico de Intervenção Educacional da Licenciatura em Educação Básica e tendo como base o projeto ecológico-ambiental da escola, desenvolveu-se um projeto de reutilização de materiais coim a temática associada às Plantas Aromáticas e Medicinais (PAM) em que as crianças criaram as suas próprias “telas” em que desenharam, coseram e bordaram as suas PAM, cuja apresentação pública aconteceu no Jardim Botânico da UTAD durante uma visita temática relacionada com este projeto.

26. 05.2018





SANTA DE SAO ROBERTO

CISMANTINHO

D R
NORTE . CULTURA

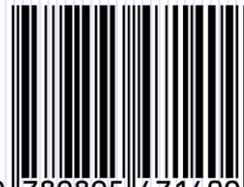


utad UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

mundis

ASSOCIAÇÃO CÍVICA DE FORMAÇÃO E CULTURA

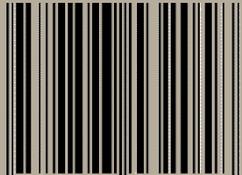
ISBN 978-989-54714-0-9



9 789895 471409



ISBN 978-989-35320-5-8



9 789893 532058